

André Luiz Tura
Nunes



EDIFÍCIO VERTICAL E O DESENHO DA CIDADE: O CONCURSO PARA O EDIFÍCIO 5^a AVENIDA

pós- | I

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação entre o projeto do edifício e o desenho da cidade através da leitura das propostas apresentadas no concurso do Edifício 5ª Avenida em 1959, na Avenida Paulista, por Pedro Paulo de Melo Saraiva e Abelardo de Souza, respectivamente primeiro e segundo colocados. O objetivo principal é analisar o material apresentado pelos arquitetos a fim de compreender as soluções propostas para os edifícios e as relações estabelecidas com o espaço urbano da avenida. Os dois projetos partem de um mesmo princípio de organização espacial – uma torre de escritórios implantada sobre um embasamento comercial –, apresentando, entretanto, desenvolvimentos formais e inserções urbanas muito distintas. O período do concurso caracteriza um momento de intensas transformações na Avenida Paulista. O início do processo de verticalização vem acompanhado de uma mudança de usos e relações entre os edifícios e o espaço público. Saraiva constrói o discurso do projeto propondo uma reflexão sobre a verticalização da Paulista e as possibilidades que se abriam, extrapola a solução de um problema específico conferindo um sentido mais amplo ao concurso.

PALAVRAS-CHAVE

Edifício vertical. Avenida Paulista. Edifício 5ª Avenida. Pedro Paulo de Melo Saraiva. Abelardo de Souza.



[HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.2317-2762.POSFAU.2019.142931](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2317-2762.POSFAU.2019.142931)

Pós, Rev. Programa Pós-Grad. Arquit. Urban. FAUUSP. São Paulo, v. 26, n. 48, e142931, 2019.

THE HIGH-RISE BUILDING AND THE URBAN DESIGN: THE COMPETITION FOR 5^a AVENIDA BUILDING

ABSTRACT

The article proposes a reflection on the relationship between the design of the building and the design of the city by analyzing the proposals presented in the 5th Avenue Building competition in 1958, at Paulista Avenue, by Pedro Paulo de Melo Saraiva and Abelardo de Souza, respectively first and second placed. The main objective is to analyze the material presented by architects seeking to understand the proposed solutions for the buildings and the relations established with the urban space of the Avenue. Both projects are based on the same principle of spatial organization – an office tower placed on a commercial basement –, however, with very different formal developments and urban insertions. The competition period features a moment of intense transformation on Paulista Avenue. The beginning of the verticalization process is accompanied by a change in uses and relationships between buildings and public space. Saraiva builds the discourse of the project by proposing a reflection on the verticalization of Paulista and the possibilities that opened up, extrapolates the solution of a specific problem giving a broader meaning to the contest.

KEYWORDS

High-rise building. Paulista Avenue. 5th Avenue Building. Pedro Paulo de Melo Saraiva. Abelardo de Souza.

AVENIDA PAULISTA

A Avenida Paulista é a via principal de um loteamento inaugurado em 8 de dezembro de 1891 por um grupo de empresários liderados pelo engenheiro uruguaio Joaquim Eugênio de Lima, em parceria com José Borges de Figueiredo e João Augusto Garcia, a partir da aquisição de uma série de chácaras que ocupavam a região¹. A avenida foi implantada em um local estratégico e privilegiado do ponto de vista geográfico e urbano. Conhecido como Alto do Caaguaçu², trata-se do ponto mais alto do relevo paulistano, o espigão divisor de águas entre o Rio Tietê e o Rio Pinheiros, com 13 quilômetros de extensão e altitude média variando entre 815 e 820 metros.

A relação com a paisagem da cidade estabeleceu a posição da avenida sobre o Espigão Central. Três pontos importantes definem sua implantação: seu eixo longitudinal foi orientado para o Morro do Jaraguá, onde, na extremidade próxima à Rua da Consolação um pequeno mirante garantia a vista sobre o vale do córrego do Pacaembu. Sobre o vale do córrego Saracura, perpendicular à avenida, foram preservados dois espaços importantes da Paulista: um pequeno trecho da mata nativa onde foi construído o parque da avenida, inaugurado em 1892; e no terreno em frente, o Belvedere Trianon³, construído em 1916 com projeto de Ramos de Azevedo, garantia a vista para o centro da cidade por causa da situação geográfica do vale associada à altura do Espigão Central. Próxima ao bairro do Paraíso, a Praça Oswaldo Cruz define o outro extremo da avenida (AZEVEDO, 1954).

Essa condição peculiar de se desfrutar ao mesmo tempo a proximidade (dois a três quilômetros) e um relativo isolamento (pela altitude geográfica) em relação ao centro da cidade foi fundamental para o tipo de uso que a avenida abrigou inicialmente.

Até a crise de 1929, [a Avenida Paulista] passou a ser ocupada sobretudo por fazendeiros do café, responsáveis portanto pela “tomada inicial do espigão central”. Esta preferência se explica pela paisagem que oferecia e pela proximidade ao centro. A localização da Paulista favorecia ao empresário operar com as firmas exportadoras de café, cujos escritórios e bancos localizavam-se no centro. (FRÚGOLI JR., 2000, p. 114).

O desenho da Avenida Paulista representou o desejo de uma nova paisagem urbana em São Paulo. Desde sua inauguração, a avenida contou com um padrão de lotes e vias superior ao de qualquer outra área da cidade. Com 2,8 quilômetros de extensão, a partir da Praça Oswaldo Cruz até o mirante do Pacaembu, e 28 metros de largura, a Paulista e suas transversais compõem um desenho ortogonal regular com lotes de grandes dimensões (SOUZA, 1986). Na primeira fase dessa ocupação, a paisagem predominantemente horizontal é marcada pelo conjunto de casarões, isolados no interior dos lotes e cercados por amplas áreas verdes.

A partir de 1937 se inicia uma mudança nas formas de ocupação da avenida. O crescimento demográfico e a expansão física da cidade, associada à crescente valorização dos bairros próximos ao centro, especialmente para o uso residencial, levam à mudança da legislação através da Lei nº 3.571/1937 que, por um lado, permite a construção de edifícios verticais na Avenida Paulista, mas, por outro, mantém a exclusividade do uso residencial.

¹ O loteamento de antigas fazendas e chácaras caracterizou a expansão da malha urbana de São Paulo na segunda metade do século XIX, motivado pelo desenvolvimento da economia cafeeira e o consequente crescimento da cidade (WILHEIM, 1965).

² Em tupi-guarani *Caa* significa “mato” e *Guaçu* “grande”.

³ O espaço do Belvedere abrigou o pavilhão da 1ª Bienal de São Paulo em 1951 e posteriormente a sede definitiva do Museu de Arte de São Paulo [MASP].

⁴ O entendimento do novo papel que a Avenida Paulista passava a desempenhar na cidade levou à sua inclusão como “área central” na Lei Geral de Zoneamento de 1972 (Lei nº 7.805), equiparando-a ao centro principal da cidade.

A Lei nº 3.571 tinha por objetivo estender as restrições de uso do artigo 40 do Ato nº 663 [Código Arthur Saboya] às áreas em processo de verticalização residencial. Isto é, definir como residenciais áreas com crescimento vertical, como as avenidas Paulista, Higienópolis, Angélica, Dom Pedro I, Pompeia e a rua Maranhão. Essas avenidas e rua apresentavam baixíssima ou nenhuma incidência de verticalização, exigindo afastamentos das duas laterais do lote, de três metros, e recuos frontais. (SOMEKH, 2014, p. 186-187).

No entanto, a transformação mais significativa ocorre após a construção de dois edifícios que, além de promoverem uma diversidade de usos até então inexistente, proporcionavam uma nova espacialidade e uma nova relação com o pedestre: o Edifício Nações Unidas (1953-1959), na esquina com a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, projeto do arquiteto Abelardo de Souza; e o Conjunto Nacional (1955-1962), projetado por David Libeskind, que ocupa uma quadra inteira no cruzamento com a Rua Augusta. Os dois edifícios guardam grande semelhança enquanto modelo de cidade proposto; ambos abrigam programas multifuncionais, explorando as possibilidades de adensamento e sobreposição de funções, proporcionando, ao mesmo tempo, um espaço permeável ao pedestre. Os dois edifícios impulsionaram alterações na legislação:

A Lei 3.571 passa por três alterações, em 1952, 1954 e 1955 [...]. Essas alterações rompem com o uso estritamente residencial nas vias submetidas à Lei 3.571, e nada mais são que novas adequações a situações de fato, ou respostas a demandas de usos diversificados para darem suporte às áreas residenciais de alto padrão. A alteração de 1952, por meio da Lei 4.313, se restringe à avenida Paulista, permitindo a construção de hospitais, escolas, edifícios destinados a estabelecimentos de imprensa, rádio, televisão, teatro e cinema. Alguns desses usos, como hospitais e escolas, já estavam presentes no local desde o início do século. (FELDMAN, 2005, p. 158).

A partir do final da década de 1950 intensifica-se a construção de edifícios de escritórios e espaços comerciais, iniciando-se a migração de sedes de empresas e do mercado financeiro do centro para a região da Paulista e marcando o início da formação de uma nova centralidade em São Paulo⁴ (CORDEIRO, 1980, p. 59). As mudanças de uso vêm acompanhadas de transformações físicas, como a conexão com a Avenida Doutor Arnaldo e o alargamento da calha da Paulista a partir da desapropriação dos recuos frontais dos edifícios.

O CONCURSO DO EDIFÍCIO 5^a AVENIDA

Em 1959, a empresa imobiliária Invicta S/A, em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil, realizou um concurso de projetos para a construção de um edifício com salas de escritórios e área comercial em terreno retangular com 35 metros de frente por 61 metros de profundidade, no número 726 da Avenida Paulista, próximo ao cruzamento com a Avenida Brigadeiro Luís Antônio. A comissão julgadora, formada pelos arquitetos João Batista Vilanova Artigas, Eduardo Corona e Oswaldo Bratke, conferiu o primeiro lugar ao arquiteto Pedro Paulo de Melo Saraiva em parceria com Miguel Juliano e Silva, o segundo lugar a Abelardo de Souza e o terceiro a Gian Carlo Gasperini, após analisar os quatorze projetos entregues, somando mais de quarenta arquitetos

participantes (APRESENTADOS..., 1959, p. 9; COMISSÃO..., 1959a, p. 2; COMISSÃO..., 1959b, p. 19).

O início do processo de verticalização da Avenida Paulista coincide com o momento de reconhecimento e afirmação da arquitetura moderna em São Paulo. O prestígio internacional alcançado após as primeiras experiências modernas⁵ favoreceu a aceitação da nova linguagem no cenário nacional, especialmente em São Paulo, que, diferentemente do Rio de Janeiro, teve como grande financiador de suas obras os investimentos privados.

O Rio de Janeiro era a capital [...], e as encomendas aos arquitetos modernos eram, em sua maioria, patrocinadas pelo poder público; em São Paulo, ao contrário, o patrocínio estatal aos escritórios era diminuto. O acesso a obras maiores pelos profissionais liberais dependia principalmente da encomenda da iniciativa privada. (SEGAWA, 2014, p. 139).

Abelardo de Souza e Pedro Paulo de Melo Saraiva pertencem a diferentes gerações da arquitetura brasileira. Abelardo é formado pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1932; contemporâneo, portanto, de arquitetos como Oscar Niemeyer, Marcelo Roberto e Affonso Eduardo Reidy, presencia a revolução no ensino da arquitetura, proporcionada pelo curto período em que Lúcio Costa foi diretor da escola (SOUZA, 1978, p. 26-27), e faz parte da primeira geração de arquitetos modernos. No momento do concurso, Abelardo era autor de dois edifícios construídos na Avenida Paulista, o Edifício Nações Unidas, na esquina com a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, e o Edifício Três Marias, na esquina da Rua Haddock Lobo. Por outro lado, Saraiva é formado pela Universidade Mackenzie em 1955; recém-formado, portanto, no momento do concurso.

A década de 1950 marca um período de maturidade da produção moderna brasileira, iniciada com as primeiras experiências na década de 1930 e que levaria à construção de Brasília no início da década de 1960. No entanto, a linguagem e o repertório formais comuns, desenvolvidos pelos arquitetos nesse período, não significaram uma homogeneidade das soluções adotadas, reconhecendo, em cada projeto, o contexto específico de implantação dos edifícios.

Operar com a arquitetura moderna entendida como um formalismo, como um conjunto de relações formais, com arquétipos estruturais e planimétricos aptos para o ajuste em situações concretas, que devem encontrar o seu sentido a cada intervenção, conquistar sua adequação no conjunto de condições a que se submete. Essa decisão, além de revelar a atenção e o sentido de oportunidade que as condições apresentam, também expõe sensibilidade com o espaço público, com a promoção urbana que a intervenção acarreta na cidade. (ESPALLARGAS GIMENEZ, 2016, p. 248).

Do ponto de vista da solução espacial, os dois primeiros colocados no concurso apresentam variações da tipologia lâmina-embasamento, solução caracterizada pela sobreposição de blocos funcionais que foi largamente utilizada pela arquitetura moderna ao longo do século XX em razão de sua versatilidade na acomodação a diferentes situações urbanas. Nessa tipologia, embasamento e lâmina estabelecem relações diferentes com o espaço urbano onde o edifício está inserido: enquanto o embasamento abriga os programas de maior

⁵ Principalmente após a exposição *Brazil Builds*, realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) em 1943 (SEGAWA, 2014, p. 129).

movimento e estabelece a conexão do edifício com a calçada e a escala do pedestre, o volume vertical mantém certo resguardo de suas atividades e estabelece uma relação com a paisagem através de afastamentos e vazios.

Edifícios modernos que correspondem a variações do arquétipo moderno muito construído nas cidades do século 20, um tipo indicado quando há muito valor comercial no térreo para o máximo de atividades na calçada, em oposição às atividades remotas, resguardadas e passíveis de verticalização. (ESPALLARGAS GIMENEZ, 2016, p. 194).

Dentro dessa tipologia, os projetos apresentam soluções distintas, e até opostas, na articulação entre embasamento e volume vertical. Enquanto o projeto de Saraiva propõe a implantação da lâmina vertical perpendicular à Avenida Paulista sobre um embasamento recuado 25 metros do alinhamento do terreno (Figura 1), Abelardo apresenta o inverso: o volume vertical, paralelo à avenida, é afastado 25 metros da calçada, enquanto o conjunto de lojas ocupa uma barra lateral, no sentido longitudinal do terreno (Figura 2). As duas implantações estabelecem diferentes relações com a avenida. A mudança de orientação da lâmina vertical altera as proporções do edifício e a ocupação do terreno, assim como a volumetria do embasamento muda a relação com a calçada e o percurso do pedestre ao acessar o edifício.

A solução proposta pelo projeto vencedor se concentra em duas ações fundamentais: a implantação perpendicular e assimétrica da lâmina vertical; e o desdobramento do embasamento em dois meios-níveis, um abaixo (?2,75m) e o outro acima da cota da calçada da Avenida Paulista (+1,40m).

Figura 1 – Perspectiva, 1º lugar, Pedro Paulo de Melo Saraiva
Fonte: Espallargas Gimenez (2016, p. 80).

Figura 2 – Perspectiva, 2º lugar, Abelardo de Souza
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

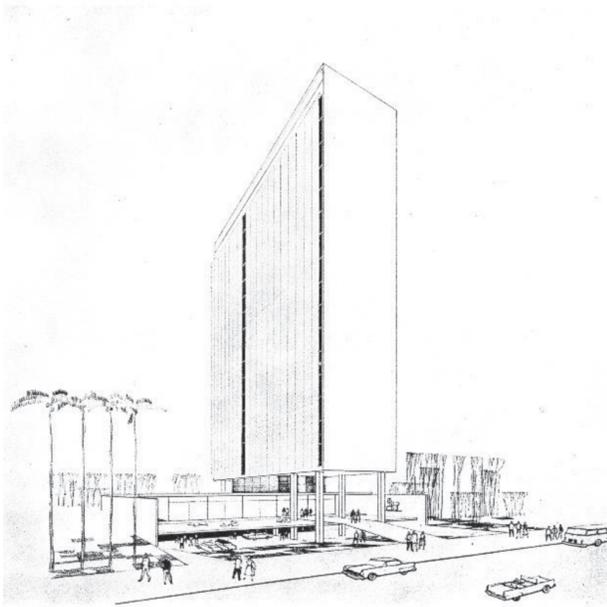


Figura 1 – Perspectiva, 1º lugar, Pedro Paulo de Melo Saraiva
Fonte: Espallargas Gimenez (2016, p. 80).



Figura 2 – Perspectiva, 2º lugar, Abelardo de Souza
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

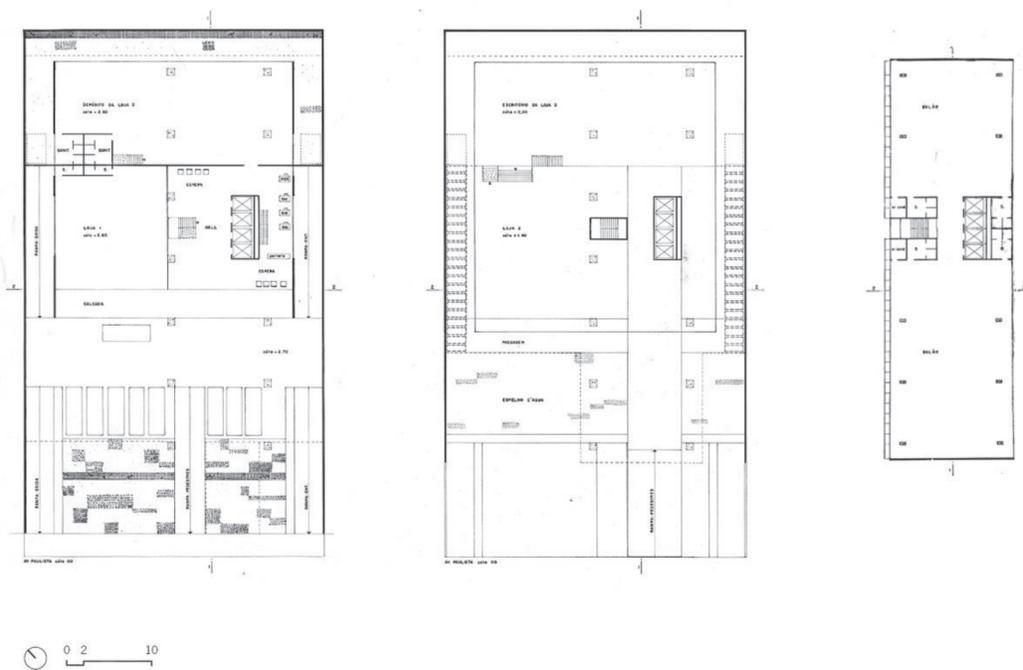
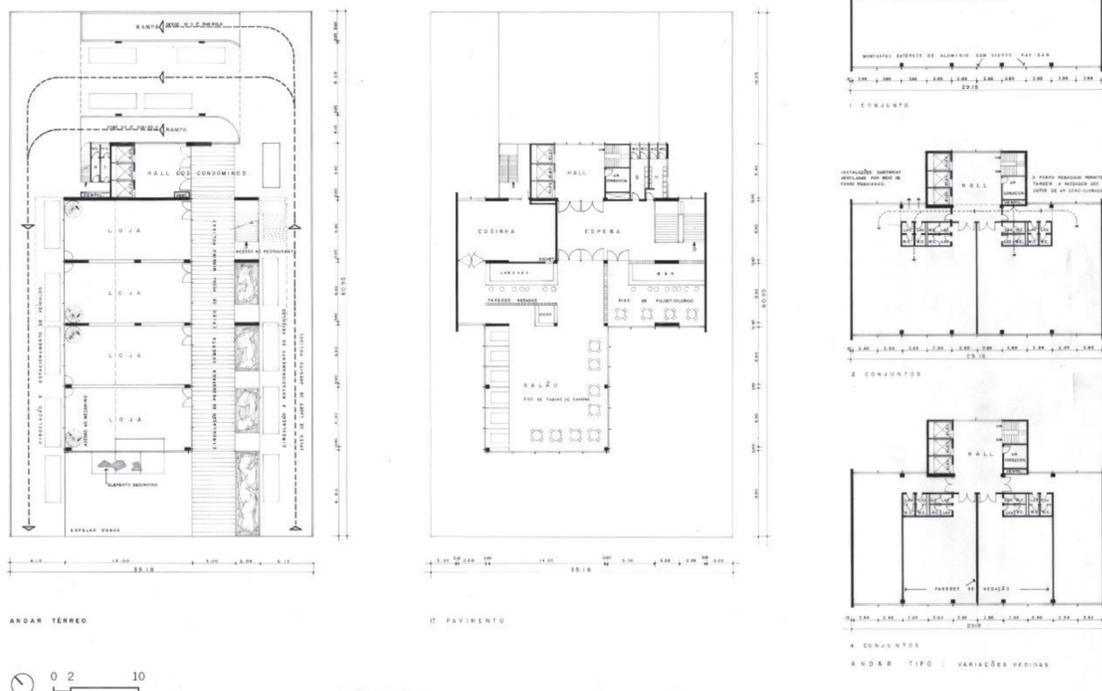


Figura 3 – Plantas do térreo inferior, térreo superior e pavimento tipo, Pedro Paulo de Melo Saraiva
 Fonte: Saraiva (1960, p. 89).

Figura 4 – Plantas do pavimento térreo, mezanino e variações do pavimento tipo, Abelardo de Souza
 Fonte: Acervo da Biblioteca da FAUUSP.



O EMBASAMENTO E O CHÃO DA CIDADE

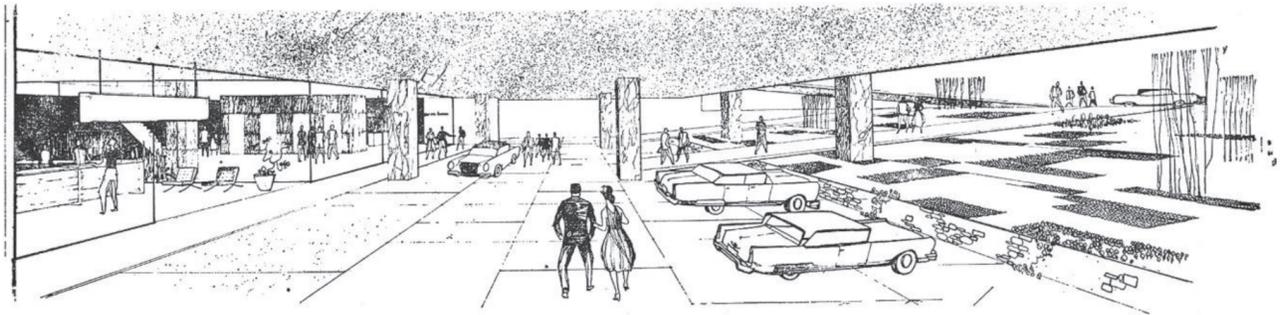
Os dois pavimentos que compõem o embasamento criam uma relação de continuidade com a calçada através de rampas que fazem o acesso aos dois níveis. A solução em meio-nível, ao mesmo tempo que multiplica o pavimento térreo, permite que o percurso seja mais apropriado ao pedestre, com rampas pouco inclinadas e em lance único. Por essa razão, o volume horizontal precisou ser recuado em relação à avenida, o que enfraquece a relação direta das lojas com a calçada, mas ao mesmo tempo valoriza o percurso de acesso e enriquece a relação visual entre os três níveis, os dois pavimentos térreos e a calçada da Avenida Paulista (Figura 1).

O pavimento localizado no nível 2,75m abaixo da calçada foi projetado como acesso principal do edifício, abrigando a portaria e uma loja. Através do prolongamento da laje do nível superior, o acesso ao edifício é feito de forma coberta, tanto para o pedestre que acessa o pavimento por uma rampa central quanto para os veículos que acessam por rampas laterais, e contam com uma área de embarque e desembarque próxima aos elevadores. As rampas atravessam um jardim inclinado que ocupa o recuo frontal e, apesar de semienterrado, o pavimento mantém uma relação visual com a calçada, justamente pelo afastamento em relação ao alinhamento da avenida (Figura 6).

No nível superior (1,40m acima do leito da avenida), a extensão da laje configura uma praça descoberta que recepciona o pedestre com um jardim e espelho d'água. Inicialmente pensado para abrigar apenas uma grande loja de moda e sem acesso por elevadores, esse pavimento acabou assumindo o desenho de uma galeria com lojas organizadas em ilhas, onde o acesso à prumada de circulação vertical é feito por uma das passagens internas. O próprio volume dos escritórios cobre o percurso do pedestre na continuidade da rampa, configurando uma marquise de acesso a esse pavimento (Figura 5). A cobertura do térreo superior se estende sobre os recuos laterais obrigatórios de três metros através de um pergolado de concreto, revelando as vigas da laje nervurada e acomodando o desenho do embasamento à geometria do lote.



Figura 5 – Perspectiva a partir do térreo superior, Pedro Paulo de Melo Saraiva
Fonte: Espallargas Gimenez (2016, p. 203).



II

Figura 6 – Perspectiva a partir do térreo inferior, Pedro Paulo de Melo Saraiva
Fonte: Saraiva (1960, p. 91).

No início da década de 1970, com o alargamento da Paulista, a rampa que dava acesso ao nível inferior foi substituída por uma escada, enfraquecendo a organização em meios-níveis e diminuindo a relação desse pavimento com a calçada.

Entre o embasamento e a torre de escritórios, um pavimento de convivência dos usuários dos escritórios abriga um espaço comercial e um terraço-jardim sobre o embasamento. Nesse pavimento, o recuo dos fechamentos sob a lâmina enfatiza a transição visual entre os dois volumes.

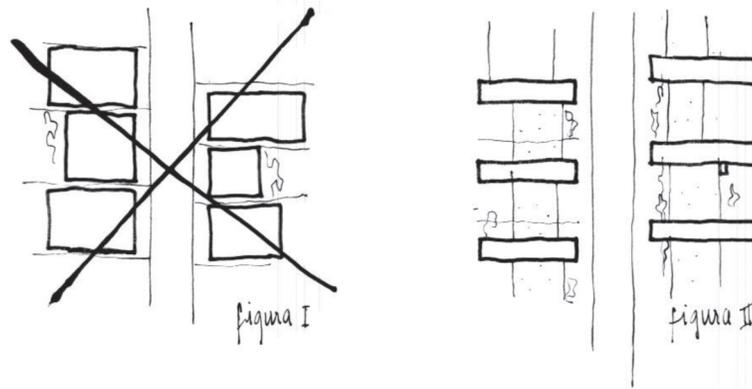
Por outro lado, o projeto de Abelardo propõe um eixo longitudinal ao terreno de acesso às lojas e aos escritórios. Os espaços comerciais são organizados em um volume único implantado na cota da Avenida Paulista. O acesso é feito por uma passagem coberta por uma marquise em balanço que integra a calçada ao interior do terreno. Definido pelas lojas e pelo paisagismo entre os pilares do volume vertical, o percurso de pedestres também conduz ao vestíbulo de acesso do edifício e a uma área de embarque e desembarque de automóveis. No primeiro pavimento do embasamento, um restaurante, com acesso independente por uma escada lateral, ocupa todo o andar (Figura 4).

pós- | 6

A LÂMINA VERTICAL E O DESENHO DA PAISAGEM

No memorial do projeto, descrito na primeira prancha apresentada no concurso, Saraiva justifica a solução adotada através de uma reflexão sobre a verticalização da Avenida Paulista. Com um croqui que contrapõe duas estratégias de implantação, Saraiva questiona o processo de verticalização ocorrido em outras vias importantes da cidade onde, satisfazendo unicamente a especulação imobiliária, os edifícios ocupam o máximo possível de terreno sem a preocupação com o desenho do espaço urbano ou da paisagem construída da cidade (Figura 7 I). Saraiva propõe uma paisagem desenhada por vazios através da implantação de lâminas verticais perpendiculares à avenida e integradas pelos embasamentos comerciais no pavimento térreo (Figura 7 II), preservando, assim, a vista a partir do Espigão Central e a permeabilidade entre os edifícios.

Figura 7 – Croqui, proposta de implantação
Fonte: Saraiva (1960, p. 91).



No 5ª Avenida, a implantação assimétrica da lâmina em relação ao embasamento define um vazio de 16 metros que integra visualmente os espaços construídos do edifício com o espaço urbano da avenida, garantindo a permeabilidade visual. O vazio interno, desenhado pelo edifício, se configura como uma paisagem preservada, uma fresta entre os edifícios verticais para onde se voltam os escritórios. A implantação perpendicular à Paulista permitiu a utilização da maior dimensão do terreno como fachada principal. A justaposição de salas comerciais determinou, como consequência, que as duas fachadas menores fossem tratadas como empenas cegas, inclusive a fachada voltada para a Avenida Paulista.

Implantação semelhante foi utilizada no Edifício Louveira, em Higienópolis, construído alguns anos antes. Projetado por Vilanova Artigas, um dos membros do júri do concurso em questão, o edifício consiste em duas lâminas residenciais paralelas que determinam uma praça no interior do terreno com jardins e uma rampa curva que conecta os dois volumes. O espaço livre desenhado pelos edifícios estabelece uma relação com a Praça Villaboim, em frente ao terreno, ao mesmo tempo em que cria um afastamento necessário para onde ficam voltados os ambientes de longa permanência de um dos edifícios. Nos dois projetos, 5ª Avenida e Louveira, a relação do volume vertical com o espaço urbano se processa através do vazio desenhado pelo edifício, a iluminação e ventilação dos ambientes internos são resolvidos através das fachadas maiores valorizando a paisagem interna do terreno.

Ao comparar as propostas de Saraiva e Abelardo, fica claro que a implantação dos volumes verticais no terreno foi condicionada pela orientação do edifício e pelo limite de gabarito de uma vez e meia a dimensão da calha da avenida⁶. Nas duas propostas, o volume vertical tem cerca de 15 metros de largura. No entanto, ao utilizar a maior dimensão do terreno, Saraiva consegue uma planta com 46,80 metros de comprimento, enquanto Abelardo, ao inverter a orientação dos escritórios, consegue chegar no máximo a 29 metros. A planta compacta é compensada pelo afastamento de 25 metros em relação ao limite do terreno, garantindo o gabarito de cerca de 80 metros sem a necessidade de escalonamentos, enquanto Saraiva chega perto de 60 metros de altura com um recuo de 11,50 metros da calçada. O mesmo programa é distribuído de duas formas distintas no terreno, uma mais concentrada e afastada em relação à avenida, e com isso mais vertical (Figura 9), e outra ocupando uma área maior

Figura 8 – Inserção urbana, 1º lugar, Pedro Paulo de Melo Saraiva
Fonte: Desenho produzido pelo autor.

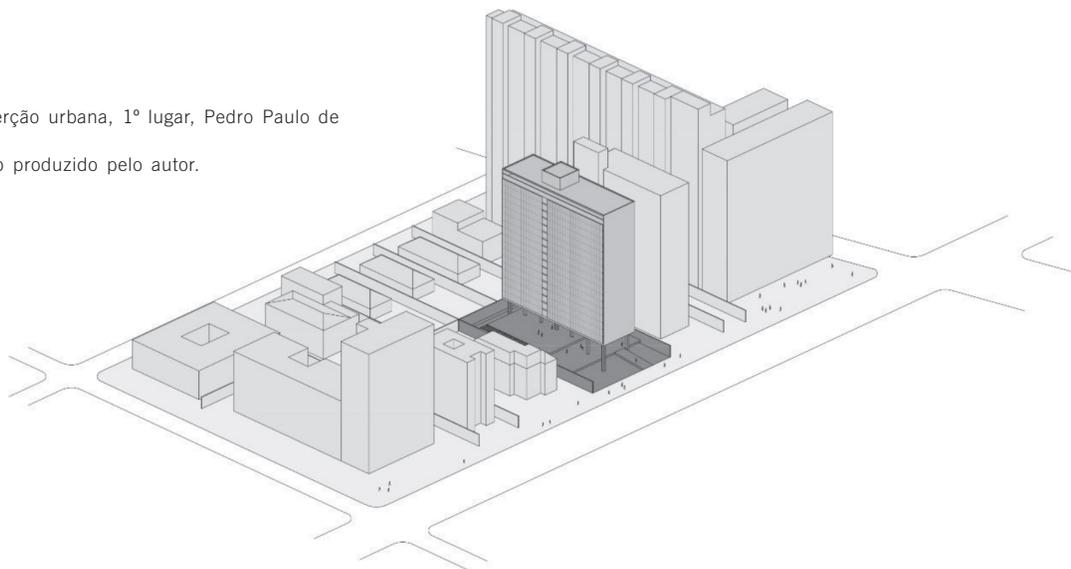
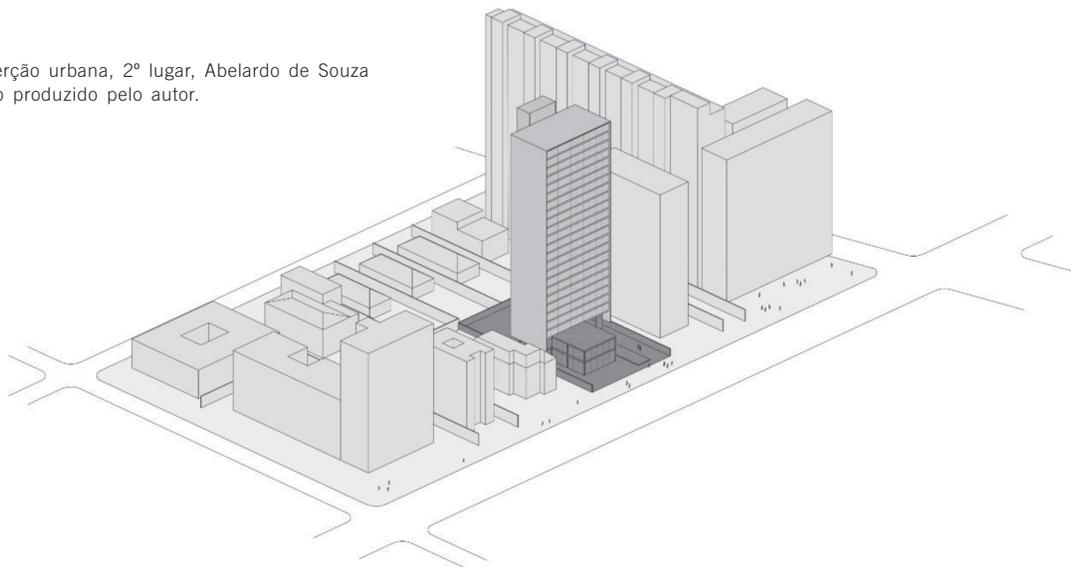


Figura 9 – Inserção urbana, 2º lugar, Abelardo de Souza
Fonte: Desenho produzido pelo autor.



do terreno, chegando perto do limite do afastamento frontal, e com isso atingindo um gabarito menor (Figura 8). Com relação aos espaços livres e a paisagem construída, as soluções também apresentam características diferentes. Enquanto Saraiva garante a permeabilidade visual definindo um espaço vazio assimétrico em relação ao terreno, Abelardo estabelece duas áreas livres, uma frontal e outra aos fundos, criando uma perspectiva mais profunda ao afastar o edifício do pedestre.

Em ambos os projetos a modulação de elementos construtivos funciona como uma pauta que disciplina e flexibiliza a organização do programa de escritórios. A precisão e o rigor nas medidas e módulos organizam os espaços ao mesmo tempo em que determinam a expressão e a materialidade dos edifícios.

⁷ Por exemplo, o Edifício Louveira de Vilanova Artigas e o edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro.

Escolhido o tipo, a matemática também ordena elementos e formas, estabelece relações, proporções, ritmos, múltiplos e sequências. O número divide e posiciona, atua como um princípio abstrato e formativo que, reconhecido, dimensiona e relaciona a estrutura material da construção, ao mesmo tempo em que ordena a estrutura abstrata, as partes iguais, a distribuição, as divisões, a disposição no terreno. (ESPALLARGAS GIMENEZ, 2016, p. 31).

Desenvolvido em parceria com o engenheiro Roberto Zuccolo, o projeto de Saraiva introduziu uma inovação estrutural com a protensão das lajes. A tecnologia já era utilizada em grandes estruturas, como pontes, mas não em edifícios verticais. Assim, foi possível resolver a distribuição dos pilares com apenas duas linhas de apoios ao invés de três como era comum em edifícios laminares⁷. A estrutura é resolvida longitudinalmente em seis módulos de 7,20 metros e balanços de 1,80 metros nas extremidades. O módulo principal corresponde, por sua vez, a seis submódulos de 1,20 metro, dimensão que soluciona caixilhos e brises. Na dimensão transversal, duas linhas de pilares vencem um vão de 11 metros com balaços de 1,7 metro. A posição da prumada de circulação vertical, dentro do perímetro regular do edifício, associada à modulação estrutural, organiza a compartimentação das salas a partir de um eixo central de circulação, permitindo agrupamentos e alternativas de ocupação, subdividindo o pavimento tipo em até dez salas por andar.

No projeto de Abelardo, a planta compacta é solucionada deslocando o volume de circulação vertical como elemento externo, o que permite a divisão do pavimento em até quatro salas. A planta é condicionada apenas ao volume de áreas molhadas e à modulação estrutural de 5,76 metros, subdividida nos caixilhos em 2,88 metros.

Nos dois projetos, o ritmo modular é transmitido às fachadas dos edifícios. Enquanto no projeto de Abelardo os caixilhos contínuos de alumínio, compostos por vidros especiais com função de diminuir o impacto da insolação, conferem um aspecto uniforme ao volume vertical (Figura 2), Saraiva propõe uma fachada dinâmica, ressaltando sua independência em relação à estrutura (Figura 1). A orientação perpendicular permitiu à fachada sudeste ser completamente transparente, com fechamento em caixilhos integrais que encerram o vão entre lajes, enquanto na face noroeste um plano independente de brise metálico protege os espaços de trabalho da incidência direta do sol. Os painéis de proteção solar em alumínio são compostos por uma série de aletas horizontais estruturadas por montantes verticais fixados diretamente nas lajes dos pavimentos. O movimento de abertura individual resulta em um desenho dinâmico com alternâncias de sombras e transparências. Uma fresta vertical cinde o plano do brise, marcando a posição da escada (Figuras 1 e 8). O último pavimento abriga um conjunto de salões comuns e o apartamento do zelador. Com fechamentos recuados e, portanto, sem a necessidade de quebra-sóis, esse pavimento destaca o coroamento do edifício e reforça a moldura do volume vertical junto com as empenas cegas nas faces menores. No início dos anos 2000 o painel de brises foi removido, prejudicando a composição original do edifício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois primeiros colocados no concurso para o Edifício 5ª Avenida, na Avenida Paulista, representam a maturidade alcançada pela arquitetura moderna brasileira no final da década de 1950, tanto em relação ao desenvolvimento de uma linguagem própria quanto à abordagem em relação à cidade. Os dois projetos apresentam diferentes respostas ao problema urbano que se apresentava, a partir de duas formas distintas de ocupação do terreno.

O concurso se insere em um período importante da história da Avenida Paulista. Os edifícios verticais proporcionaram, por um lado, uma diversidade de usos até então inexistente e, ao mesmo tempo, abriram novas possibilidades espaciais na relação entre o espaço privado dos edifícios e o espaço público da avenida. Galerias, marquises e jardins configuram espaços permeáveis e ajustados à escala do pedestre.

O projeto de Pedro Paulo de Melo Saraiva, vencedor do concurso, se apoia em soluções que fazem parte do imaginário da arquitetura moderna brasileira, como o edifício laminar, a organização de pavimentos em meios-níveis e o plano independente de quebra-sóis móveis que confere dinamismo e plasticidade ao volume construído. No entanto, o que determina a implantação do edifício e a articulação dos volumes propostos é a relação com o espaço urbano da Avenida Paulista. O desenho do edifício é condicionado por um desenho de cidade desejado.

pós- | 13

REFERÊNCIAS

- APRESENTADOS projetos de mais de 30 arquitetos para imponente conjunto comercial a ser erigido em São Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 9, 17 maio 1959.
- AZEVEDO, Rocha. *Um pioneiro em São Paulo*: Joaquim Eugênio de Lima. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1954.
- COMISSÃO de arquitetos escolhe projeto para o melhor prédio comercial de S. Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 2, 24 maio 1959a.
- COMISSÃO de arquitetos escolhe projeto para o melhor prédio comercial de S. Paulo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 19, 24 maio 1959b.
- CORDEIRO, Helena Kohn. *Centro da metrópole paulistana: expansão recente*. São Paulo: Edusp, 1980.
- ESPALLARGAS GIMENEZ, Luis. *Pedro Paulo de Melo Saraiva: arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra, 2016.
- FELDMAN, Sarah. *Planejamento e zoneamento: São Paulo 1947-1972*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2005.
- FRÚGOLI JR., Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez: Edusp, 2000.
- SARAIVA, Pedro Paulo de Melo. Edifício 5ª Avenida. *Acrópole*, São Paulo, n. 255, p. 88-91, 1960.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2014.
- SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie: Romano Guerra, 2014.

SOUZA, Abelardo de. *Arquitetura no Brasil: depoimentos*. São Paulo: Diadorim, 1978.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Produção e apropriação do espaço metropolitano: a Avenida Paulista em São Paulo. *In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986. p. 135-149.

WILHEIM, Jorge. *São Paulo metrópole 65*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

Nota do Editor

Data de submissão: 01/02/2018

Aprovação: 26/08/2019

Revisão: Haifa Y. Sabbag

André Luiz Tura Nunes

Centro Universitário FIAM-FAAM

Av. Lins de Vasconcelos, 3406, Vila Mariana – 04112-002 – São Paulo – SP.

ORCID: 0000-0002-7601-1131

andrelnunes@gmail.com